

Estudos da Língua(gem)

Argumentação, metáfora, textualidade e enunciação

Argumentation, métaphore, textualité et énonciation

Soeli Maria Schreiber da SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR/BRASIL

RESUMO

Estudo a metáfora na poesia "Coração de poeta", de Paulo Leminski, recitada pelo autor no filme "Vida e Sangue de Polaco". Adoto a hipótese da metáfora de Eduardo Guimarães (2011). Analiso a textualidade na relação integrativa e a orientação argumentativa da metáfora na concomitância de enunciadores.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação. Metáfora. Textualidade. Enunciação. Determinação.

RESUMÉ

J'étude la métaphore dans la poésie " Le Coeur du poète", de Paulo Leminski, récitée par l'auteur dans le film "Vie et sang de Polaco", selon l'hypothèse de Eduardo Guimarães (2011). J'analyse la textualité dans la relation intégrative et l'orientation argumentative de la métaphore dans la concomitance d'énonciateurs.

*Sobre a autora ver página 169.

Estudos da Língua(gem)	Vitória da Conquista	v. 13, n. 1	p. 169-178	junho de 2013
-------------------------------	----------------------	-------------	------------	---------------

MOTS-CLÉS: *Argumentation. Métaphore. Textualité. Enonciation. Détermination.*

Neste artigo, estudo a poesia "Coração de Poeta" de Paulo Leminsky, recitada pelo autor no filme "Vida e Sangue de Polaco" de Silvio Back, conforme a hipótese sobre a metáfora de Guimarães (2011). Esse estudo é parte de uma pesquisa que desenvolvi sobre a Língua Polonesa na relação com a Língua Portuguesa. Proponho-me a tratar da argumentação, metáfora e textualidade do ponto de vista enunciativo.

Orlandi (1998) tratou da relação entre paráfrase e polissemia, segundo a autora "em termos discursivos teríamos na paráfrase a reiteração do mesmo. Na polissemia a produção da diferença."(ORLANDI, 1998, p.15). A polissemia vai ser tratada como o diferente, como o deslizamento, o deslocamento de sentido. Dessa forma, Orlandi (1998) fala da "produção de efeitos metafóricos, transferência de sentidos, ressignificação" (ORLANDI, 1998, p.15). E ainda para ela, a relação com a historicidade, com a memória é que faz apreender a relação entre o processo de paráfrase e polissemia.

Assim, nessa relação entre o movimento de retorno e o inesperado, temos uma tensão entre o estabilizado e não estabilizado; o movimento, o deslizamento, o deslocamento, os sentidos múltiplos; a língua sujeita a falhas; o silêncio. Enfim o fato de que "o inesperado não só surge do esperado quando incide sobre ele derrubando esse mesmo que o sustenta. (LEMOS, 2001, p.6). Jakobson também analisou o efeito do inesperado "ao insistir no paralelismo como princípio constitutivo do verso, lembra que *versus* significa "para trás" (JAKOBSON apud LEMOS, 2001, p. 6). Além disso

se o inesperado ressignifica o esperado, o sentido do movimento que assim se instaura, aponta para outra propriedade do poético que é ao mesmo tempo reveladora do funcionamento da língua. O fato de que na enunciação poética fica suspenso o efeito referencial (..) uma referência interna subverte qualquer semântica baseada em uma teoria de correspondência entre a língua e estados de coisa no mundo (LEMOS, 2001, p. 6).

Na direção da metáfora como figura de linguagem, a metáfora é vista como semelhança. No exemplo de Camões "Amor é fogo que arde sem se ver" (CAMÕES, 1963, p. 270), a metáfora é vista como sentido figurado por meio da comparação entre amor e fogo.

Localizo meu estudo no modo de tratar a paráfrase e polissemia como uma tensão entre o mesmo e o diferente, uma vez que a metáfora é ressignificação, é deslocamento de sentido e a análise enunciativamente com base no conceito de relação integrativa de Guimarães (2011).

Para a argumentação, parto de Ducrot (2009) num artigo que mostra que a argumentação linguística não tem relação com a argumentação retórica. Remetendo a esse estudo, Ducrot afirma:

para nós há encadeamentos argumentativos na própria significação das palavras e dos enunciados com os quais o discurso é feito. Nessas condições, toda palavra, tenha ela ou não alcance persuasivo, faz necessariamente alusão à argumentação. O que mostra no mínimo que não há elo privilegiado entre a argumentação retórica e a argumentação linguística (DUCROT, 2009, p. 23).

Trago para meu artigo as palavras de Guimarães (2011) reportando-se à visão enunciativa de Ducrot:

O que funda a significação não é nem uma relação entre a expressão e a coisa, nem a intenção do falante, é o que podemos chamar de relação de argumentação que ela estabelece e que não se apresenta como derivada de uma relação de verdade, mas é o que há de primeiro no sentido. Assim, para ele, a referência seria derivada da argumentação. (GUIMARÃES, 2011, p. 360).

Na direção dos trabalhos de Ducrot (1987) vou trabalhar com o conceito de polifonia. Em Guimarães, o conceito de polifonia vai ser tratado a partir de como "os falantes são tomados por agenciamentos enunciativos" (GUIMARÃES, 2002, p. 22). A distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento enunciativo tem a ver com o político na enunciação, o agenciamento é "afetado politicamente por se dar segundo os espaços de enunciação" (GUIMARÃES, 2002, p. 23). Assim a polifonia não se constitui somente de perspectivas do locutor e do enunciadador.

Guimarães mostra como funciona a cena enunciativa caracterizando-a como "modos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas" (GUIMARÃES, 2002, p. 23). Eu diria que a cena enunciativa é fundamental para flagrar o modo como o sujeito é representado e agenciado enunciativamente. Assim, o locutor representa-se enquanto pessoa (ele próprio, a origem do dizer) e enquanto predicado socialmente, segundo a temporalização específica do acontecimento.

Já o lugar do dizer é o enunciador: o enunciador individual representa a individualidade independente da história, mas o enunciador é tomado pela história, pelo modo como se constitui a temporalidade do dizer; o enunciador genérico em que o que se diz parece ser o que todos dizem no sentido de que é diluído e também independente da história (GUIMARÃES, 2002, p. 25-26); o enunciador universal, "quando a enunciação representa o locutor como fora da história e submetido ao regime de verdadeiro ou falso" (GUIMARÃES, 2002, p. 26).

Pela metáfora a poesia vai apresentar uma relação de enunciadores. Analiso como a relação de concomitância por meio da metáfora instaura a direção argumentativa. A concomitância é uma característica da polifonia, isto é, há no funcionamento enunciativo dois sentidos assumidos por duas vozes distintas. A concomitância é uma característica das expressões que são ditas por um locutor da perspectiva de dois enunciadores, pelo menos. Os locutores também podem ser predicados de diferentes modos.

Podemos dizer que não há dois sentidos que são assumidos de uma mesma perspectiva, o que significa um conceito que representa enunciações que não são polifônicas e são assumidas por um mesmo enunciador. O sentido de concomitância de Guimarães (2011) é o oposto disso. A posição adotada é tratar como uma divisão do locutor e isto está na ordem do conceito polifônico. Chega-se a um deslizamento entre um e outro (x e y) e não entre (x e $\sim x$). E isto é atribuído ao modo do discurso indireto livre, os dois enunciadores a duas perspectivas. Então, vamos considerar o agenciamento enunciativo aliado aos conceitos que Guimarães formulou, para ver como a metáfora constitui-se na textualidade. Assim há

uma relação transversal(...) o sentido é constituído pela relação do sujeito com o que diz nos enunciados. Esta relação do sujeito marca o modo de sua integração no texto. A relação de integração não é uma relação entre segmentos simplesmente, é uma relação entre segmentos e o sujeito que enuncia (GUIMARÃES, 2011, p. 361).

A constituição da metáfora dá-se nessa relação integrativa na textualidade, na medida em que os enunciados integram-se num texto e significam uma temporalidade, tendo no modo de dizer dois ou mais enunciadores: "A metáfora se constitui na fusão de uma reescrituração por substituição sinonímica produzida pela sobreposição de enunciadores diferentes na cena enunciativa" (GUIMARÃES, 2011, p. 363). Um procedimento que vamos adotar é o de reescrituração na metáfora; o modo de redizer desliza para o diferente e desse modo, nessa operação de redizer no texto, vamos interpretar o sentido a partir do funcionamento em que as palavras aparecem e como se estabelecem as relações de determinação, como uma palavra determina a outra na temporalidade que a constitui e as palavras estão num texto numa relação com a história. Também me baseio na paráfrase para interpretar a relação integrativa, numa relação com o memorável. Assim, por exemplo, não é à toa que a poesia que analiso aparece no filme "Vida e Sangue de Polaco".

Vejam a poesia "Coração de Poeta", recitada no filme "Vida e Sangue de Polaco" a ser analisada:

" Coração de poeta
Meu coração de polaco voltou
O coração que meu avô
trouxe de longe para mim
Um coração esmagado
Um coração pisoteado
Um coração de poeta"

(Leminski, Vídeo, Youtube em 30/01/2015)

Em

(1a) Meu coração de polaco voltou

interessa a metáfora pelo sentido de coração. Encontramos a seguinte reescritura nesse funcionamento

(a) Meu coração de polaco voltou

e também as paráfrases, numa relação de integração com o título do filme

(b) Minha identidade de polaco (paráfrase de sangue de polaco)

(a') Minha vida de polaco (paráfrase de vida de polaco)

O que precisa ser considerado é que (a) *meu coração de polaco* reescreve (a') *Minha vida de polaco*, numa relação de integração com o título do filme (1b) *Vida e Sangue de Polaco*. O sentido de (1a) pela relação de paráfrase é que coração é parafraseado por vida - pelo modo de integração do enunciado no texto. A metáfora é que coração de polaco significa a minha identidade, coração é uma determinação de identidade. A passagem de (b) a (a') é produzida pelas paráfrases de

(1b) Vida e Sangue de Polaco

A reescrituração que leva a (a') determinado por (b), que determina (a), indicado em (1a) em que (a') determinado por (b) é metáfora de (a). Vejamos então como fica esquematicamente a relação de determinação no DSD:

identidade (b) \dashv vida (a')

\perp

Coração(a)

Em (1a) temos uma concomitância de b e a'. As duas vozes se dão como indistintas. Assim (a') é concomitante a (b) e (a') determinado por (b), determina (a). Nem (a') nem (b) são comparações. O que temos é uma relação de determinação, modo como se dá o deslizamento. Temos um locutor, cujo lugar social é o de escritor polaco, e pela fusão há dois enunciadores envolvidos. (b) é enunciação de um enunciador individual que se articula ao locutor polaco e que assume essa enunciação; (a') é um enunciador universal determinado por (b). *Vida e identidade* é uma concomitância que integra o coração de polaco. *Vida* determinada por *identidade* integram-se ao coração de polaco.

Nesse sentido podemos falar da argumentação do locutor escritor polaco. A argumentação dá-se na fusão de vida e identidade para a constituição do coração de polaco. A enunciação do locutor escritor polaco funde vida e identidade, sobrepondo dois enunciadores e a orientação argumentativa como futuridade no acontecimento é para o coração do polaco, que diz essa identidade, fundindo vida e sangue.

Na sequência os versos

- (c) meu coração esmagado
- (d) meu coração pisoteado
- (e) um coração de poeta

vamos analisar na relação com o título da poesia

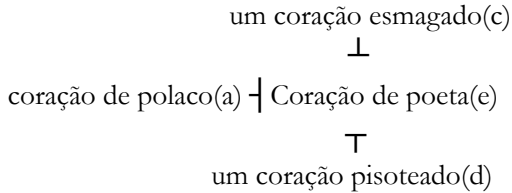
(1c) Coração de poeta
e com o título do filme

(1b) Vida e Sangue de Polaco.

A metáfora desenvolve a identidade em (a') *minha vida de polaco*: (c) *meu coração esmagado*; (d) *meu coração pisoteado*; (e) *um coração de poeta*. A primeira metáfora do primeiro verso vai dando sentido às outras. *Coração de poeta* é determinado por *coração de polaco* (a') que tem (c) *um coração*

esmagado e (d) *um coração pisoteado*. Essas determinações integram-se a (1b) e (1c).

Vejam como fica o DSD:



Nessa metáfora há uma especificação da identidade. Aí um enunciador sobrepõe-se ao outro. A disparidade do lugar social do dizer locutor escritor polaco e locutor poeta no modo de dizer de enunciação individual em (c) e em(d) e uma enunciação universal em (e). Aqui podemos dizer que temos a convivência de três vozes. Os dois modos de dizer individual fundem o percurso de sentidos que se dá a partir de outro modo de dizer - o do enunciador universal em (e). A fusão de (c), (d) e (e) são as determinações para (a) coração de polaco e para (1c). O locutor escritor polaco e o locutor poeta argumentam na fusão das especificações. O enunciador individual funde coração pisoteado e coração esmagado ao coração de poeta. Nessa relação de determinação e especificação pela metáfora que se dá a argumentação na direção da identidade do coração de polaco e do poeta.

Vamos especificar ainda : (a) *coração de polaco* é desdobrado em (a') *minha vida de polaco* e (e) *coração de poeta* é desenvolvido a partir de *coração de polaco*. (a) e (e) significam a identidade do polaco e do poeta.

No funcionamento da metáfora não temos um sentido de dominância; o que temos é que tanto (a) como (e) são metáforas para significar a vida e a identidade do polaco desenvolvidas por (c) e (d).

A fusão que se dá pela metáfora, a sobreposição de diferentes vozes e o memorável da identidade orientam para a constituição do *coração de polaco* e de *poeta*. A argumentação dá-se na transversalidade, não é segmental, dá-se numa relação de integração com o título do filme (1b) “Vida e Sangue de Polaco” e com o título da poesia (1c) “Coração

de poeta”. Esse modo de integração vai se dando pelas relações de determinação e estas estão articuladas a vozes diferentes que se fundem para a orientação argumentativa: a identidade de polaco e de poeta andam juntas.

A relação de determinação que se estabelece na metáfora e a fusão dos enunciadores mostra como a metáfora é um deslizamento de sentido, como concomitância de vozes. Na parte final da poesia encontramos três enunciadores concomitantes, em vez de dois. Pode-se dizer que os sentidos podem tornar-se outros e isso se dá no acontecimento enunciativo. Na análise podemos ver que a orientação argumentativa dá-se pelas relações de sentido metaforicamente, e não necessariamente por algum operador argumentativo e a futuridade do acontecimento tem uma relação com o memorável.

REFERÊNCIAS

- CAMÕES, L. V. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguiar, 1963.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito** (diversos tradutores). Campinas-SP: Pontes, 1987. Edição Original: 1984.
- DUCROT, O. **Argumentação Retórica e Argumentação Linguística**. **Letras Hoje**, Porto Alegre, v.44, n.1, p-20-25, jan./mar.2009.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas-SP: Pontes, 2002
- GUIMARÃES, E. Uma hipótese sobre a metáfora. In.: CASTELLO BRANCO, Luzia Kátia Andrade; RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos. (Org.). **Análise do Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre**: uma homenagem à Eni Orlandi. Campinas: Editora RG, 2011.
- LE MOS, Claudia T. G. de. Sobre o Paralelismo, Sua Extensão e a Disparidade de Seus Efeitos. **Revista Brasileira de Letras: Linguística e Literatura**. São Carlos: UFSCAR-Departamento de Letras, n.3/4, v.1, 2001-2001.

ORLANDI, E. Paráfrase e Polissemia .A Fluidez nos Limites do Simbólico. In.: **Revista Rua**. UNICAMP-NUDECRI, Campinas, SP, n. 4, março, 1998.

VÍDEO de Paulo Leminski recitando a poesia "Coração de Poeta" no filme "Vida e Sangue de Polaco". Video Youtube, 30/01/2015.

VIDA E SANGUE DE POLACO. Filme de Silvio Back, 2015. DVD do filme.

Recebido em abril de 2015.

Aceito em maio de 2015.

SOBRE A AUTORA

Soeli Maria Schreiber da Silva trabalha na Universidade Federal de São Carlos, no Departamento de Letras e desenvolve pesquisas na Unidade de Pesquisa em Estudos Históricos, Políticos e Sociais da Linguagem (UEHPOSOL) em Semântica do Acontecimento, na área de Linguagem e Discurso. Seu último projeto de pesquisa tratou de política de língua, especificamente a Língua Polonesa do Paraná na relação com a Língua Portuguesa. É professora associada 3.
Email: xoila@terra.com.br